

Editorial

Sons ultrapassam as paredes de construções cada vez mais finas. O telefone toca no andar de cima ou de baixo e todos os vizinhos são despertados pelo fato privado e banal do cotidiano. O aparelho de TV da padaria, do café ou da sala de espera do cardiologista permanece ligado, martelando a cabeça dos pacientes, pacientes. Os computadores já não são desligados dia e noite. Informações vomitadas superlotam os espaços por onde, distraídos e sonâmbulos, se deixam passar os indivíduos. Observa-se o fim das possibilidades de silêncio.

Terá o homem moderno aprendido a pensar em meio a ruídos e movimentos paralisantes? Talvez a primeira produção nesse espetáculo caótico da comunicação seja um caleidoscópio comunicativo, ou um rodameio de idéias. Estou pensando nos *sites e blogs* pessoais que proliferam, fazendo circular novas e velhas idéias, idéias acolhidas, rebatidas, completadas ou mutiladas em seus percursos incertos. Este pode ser um novo tempo, capaz de impactar as formas de pensar, de sentir e perceber, de imaginar.

Hoje, mais do que com a notícia mesma, trabalha-se com a repercussão da notícia e aí os leitores têm espaço de ação. A nova modalidade de comunicação social faz parte também das estratégias de Ensino à Distância e, tal como ocorre com a imprensa, também a docência assiste a um forte câmbio em sua história. Perdemos de vista o silêncio e a solidão associados imediatamente ao exercício do pensamento. Ganhamos a balbúrdia comunicadora e a flutuação do poder. Talvez vivamos uma hora especial de observação e de busca para compreender o que está ocorrendo com a capacidade que distingue o homem dos demais seres: a linguagem.

Esta revista, em sua linguagem tradicional, publica na Seção *Diverso e Prosa* um texto de Lourenço Filho elaborado como resposta ao inquérito sobre educação realizado por Fernando de Azevedo na década de 1920. O texto nos remete aos antecedentes das práticas atuais de pesquisa em educação. Encontramos os educadores analisando as condições do ensino público no Estado de São Paulo, em uma ação proposta pelo Jornal *O Estado de São Paulo*, o mesmo que na década seguinte realizou a campanha por uma universidade pública no Estado. A publicação dessa resposta de Lourenço Filho às questões elaboradas

por Fernando de Azevedo não apenas procura salvar do esquecimento questões que continuam presentes na escolarização pública no Estado de São Paulo depois de quase um século, como também relembra alianças importantes como esta entre imprensa e poder público, que levaram à fundação da USP e à pesquisa das condições de ensino, no Estado.

Publica-se também neste número da revista o dossiê: *Literatura, teatro e mutações no espaço político*, o qual, como afirma a professora Leticia Canêdo, no seu conjunto permite entender como o processo para transformar produções intelectuais em produções nacionais contribui para naturalizar as fronteiras políticas, o que faz dessa alquimia um dos elos fundamentais dos modos modernos de dominação política. Os artigos do dossiê chamam a atenção para a variedade de conceitos, idéias, paradigmas, normas e práticas de que lançam mão artistas e intelectuais no jogo de construção de suas histórias e na legitimação de seus lugares nos espaços políticos e culturais dos Estados-nação e nas redes internacionais.

Na seção *Artigos* são apresentados: Na seção *Artigos* são apresentados: o texto escrito por Pedro Goergen, *De Homero a Hesíodo ou das origens da filosofia da educação*, no qual o autor realiza o exercício de pensar uma nova fronteira para a origem do pensamento, não como tradicionalmente o fazem os manuais de filosofia, situada em Platão e Aristóteles, mas buscando-a nas discussões de Homero e Hesíodo; um estudo de Marcelo Paula de Melo sobre políticas públicas municipais para o esporte e lazer no Rio de Janeiro, que procura entender como se deu a interação da Vila Olímpica da Maré com as escolas e quais concepções pedagógicas fizeram a mediação no projeto; *O portfólio no ensino superior*, em que as autoras realizam um estudo das possibilidades do uso desse recurso no processo de avaliação do ensino e tomam como fontes algumas práticas já instituídas, na Universidade Estácio de Sá, nas disciplinas: Metodologia Científica, Tecnologia da Informação e Comunicação e Pedagogia Institucional. Há ainda dois artigos: o de Daniela Auad que, apoiada sobre extensa bibliografia nacional e estrangeira sobre relações de gênero na sala de aula, questiona o uso dessas relações no processo educativo escolar e o texto de Charly Ryan, que abre a seção e trata de currículo e da formação de professores, trazendo como referência os estudos de Deleuze e Guattari. Na pauta de reflexão estão as condições de aprendizagem das crianças e dos estudantes-professores que, ao observarem um grupo de crianças, elaboram sua própria formação.

Na seção *Resenhas* estão apresentados os livros: *Formar: Encontros e Trajetórias com professores de ciências*, de Maria Inês Petrucci Rosa, e *O leitor em formação: múltiplos caminhos*, de Renata Junqueira Souza.

Agueda Bernardete Bittencourt